

Fisionomias do prazer: a poética nos retratos de orgasmos

Lívia Zacarias Rocha, Universidade de Brasília

Partindo da hipótese levantada pelo projeto *Beautiful Agony* (2003), de que o erotismo na imagem humana se baseia no envolvimento com o rosto, e não somente em carne nua e ilustração sexual, este estudo busca discutir sobre o poder sugestivo de erotização presente em retratos de orgasmos. Para tal, foram selecionados projetos artísticos que buscaram registrar esse momento tão singular, para então refletir como esses retratos, reais ou fictícios, podem resgatar sensações libidinosas. Há aqui uma ênfase especial ao orgasmo feminino e às dificuldades, ou talvez impossibilidade, de representação visual deste fenômeno. Logo, o estudo almeja explorar o contraste entre arte e sexo, a ocultação e exposição do desejo por meio do retrato e os conflitos existentes sobre a sexualidade feminina e suas representações visuais.

Palavras-chave: Retrato. Erotismo. Orgasmo. Gozo feminino.

*

Based on the hypothesis raised by the project *Beautiful Agony* (2003), that eroticism in the human image is based on involvement with the face, not only in naked flesh and sexual illustration, this study seeks to discuss the power suggestive of eroticization present in orgasmic portraits. For this, artistic projects were selected that sought to record this unique moment, to then reflect how these portraits, real or fictitious, can rescue libidinous sensations. There is a special emphasis here on female orgasm and the difficulties, or impossibility, of visual representation of this phenomenon. Therefore, the study aims to explore the contrast between art and sex, concealment and exposure of desire through portraiture, and existing conflicts about female sexuality and its visual representations.

Keywords: Portrait. Eroticism. Orgasm. Female orgasm.

A condição pós-moderna da sexualidade é repleta de paradoxos. Ao passo em que, supostamente, vive-se uma liberdade sexual no ocidente, conquistada especialmente a partir da década de 1960, ainda assistimos a condenação e discriminação da expressão da vida sexual, visto que ainda persiste a ideia de que o tópico deve permanecer na esfera do privado e inexistente do convívio social. Como já afirmava Bataille:

em todos os tempos e em todos os lugares, na medida em que vamos obtendo informações, o homem é definido por uma conduta sexual subordinada a regras, a restrições definidas: o homem é um animal que permanece "interdito" diante da morte e da união sexual.[...] Essas restrições variam grandemente de acordo com as épocas e os lugares. Todos os povos não sentem da mesma maneira a necessidade de esconder os órgãos da sexualidade; mas escondem geralmente da visão o órgão masculino em ereção; e, em princípio, o homem e a mulher procuram a solidão no momento da conjunção.¹

É inegável que o tema da sexualidade e do erotismo ainda representa um tabu em nossa sociedade, portanto, refletir e debater sobre o erotismo na arte representa, em certa medida, uma atitude desafiadora. Ainda mais se considerarmos a onda conservadora que vem se propagando em nosso país, onde qualquer expressão artística que faça menção, por mais discreta que seja, à nudez ou ao sexo, é rapidamente classificada por grupos moralistas de "pornografia" ou de não possuir os atributos necessários para ser classificada como obra artística.

O presente trabalho buscou analisar algumas propostas artísticas de retratos que capturam expressões faciais no momento de um orgasmo. Pretende-se pensar aqui como esses retratos, reais ou fictícios, podem resgatar sensações libidinosas. Nesse sentido, é interessante questionar: é possível capturar ou representar visualmente, em uma intensidade verdadeira, esse momento tão único e diferente em cada sujeito como é o orgasmo? A definição de gozo, oferecida por Lacan, pode ser utilizada como um estímulo inicial para refletir sobre essa complexa questão. Segundo o psicanalista francês, "gozar é usufruir de um corpo. Gozar é abraçá-lo, é estreitá-lo, é picá-lo em pedaços"². Que atitude provocadora e poética pode haver nesses retratos que são capazes de invocar uma imagem erótica?

A reflexão que proponho para este encontro parte da hipótese levantada no projeto *Beautiful Agony – Facettes de la petite mort*³, de que o erotismo na imagem humana não se baseia somente em carne nua e ilustração sexual, mas no envolvimento com o rosto. O projeto em questão, iniciado em 2003, representa um experimento multimídia que busca testar esta hipótese ao expor vídeos de orgasmos genuínos, sem script e, "supostamente", sem encenação.

¹ BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987, p. 33.

² LACAN, Jacques. O Seminário, Livro 19, ... ou pior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012, p.31

³ <http://beautifulagony.com/public/main.php>

(Enfatizo o “supostamente” pelo simples fato de que, a partir do momento em que se tem consciência que está sendo filmado, o sujeito pode mostrar-se de uma maneira diferente). Como afirma Barthes em relação à fotografia em *A câmara clara*:

Ora, a partir do momento em que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: preparo-me para a pose, fabrico instantaneamente outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem.[...] Diante da objetiva, sou ao mesmo tempo aquele que eu me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele se serve para exibir sua arte.⁴

Nesse sentido, é importante também lembrar sobre a interpretação que Soulages⁵ faz acerca do conceito do “Isso-foi” proposto por Barthes. O filósofo francês interpreta imagens fotográficas a partir do conceito “isso-foi-encenado”, o que traz uma outra condição para interpretar as imagens. No entanto, o objetivo aqui não é tentar desvendar se existe um caráter cênico nas imagens, mas sim analisar como essas imagens podem despertar a libido não tendo o sexo como objeto central de exposição.

Será que um filme de um orgasmo autêntico, onde é mostrado só o rosto, poderia fazer sucesso e nos excitar onde a pornografia mais visceral falha? Essa foi a principal questão levantada pelos idealizadores do projeto multimídia, que consideram a pornografia uma representação brutal e sem charme da sexualidade humana. Embora tenha sido muito empreendedora e impulsionada por novas tecnologias, a indústria pornográfica mais tradicional se depara com os fundamentos do erotismo em favor de clichês e uma busca obsessiva de extremos. Provavelmente esta seja a razão pela qual a pornografia acaba não sendo levada a sério como um gênero cultural valioso.

O projeto *Beautiful Agony* começa com a submissão na web de vídeos de amigos e curiosos acerca da teoria levantada, rapidamente toma uma proporção maior e transforma-se em um negócio. As submissões passam a vir de várias partes do mundo e, mesmo passados 15 anos do início do projeto, o site ainda se encontra ativo e passa por ao menos 5 atualizações semanais.

Voltando a ideia inicial do projeto, este estudo busca discutir sobre o poder sugestivo de erotização presente no rosto. Para Bataille, existe uma oposição presente no erotismo entre fealdade e beleza, da qual o rosto assume papel importante. Para explicar essa oposição, o escritor francês cita os *Cadernos* de Leonardo da Vinci, onde afirma que “O ato da cópula e os membros de que nos servimos são de uma tal fealdade que se não houvesse a beleza dos rostos, os adornos dos parceiros e o impulso desenfreado, a natureza perderia a espécie

⁴ BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.22 e p. 27.

⁵ SOULAGES, François. *Estética da fotografia: perda e permanência*. São Paulo: SENAC, 2010.

humana”.⁶ Bataille acrescenta ainda que a atração de um belo rosto age na medida em que este sugere o que a roupa tenta ocultar. E continua argumentando sobre a relevância da beleza:

O que importa em primeiro lugar é a beleza, visto que a fealdade não pode ser maculada, e a essência do erotismo é a mácula. A humanidade, significativa do interdito, é transgredida no erotismo. Ela é transgredida, profanada, maculada. Quanto maior a beleza, maior a conspurcação.⁷

Retratos de orgasmos

Inicio essa breve investigação com a série *Orgasms* (2017), de Diego Beyró. Esta série faz parte do projeto do artista, denominado *Expressions*, e retrata o rosto de jovens em orgasmo, estampando-os em lençóis. O artista não revela exatamente o processo de produção dos retratos, deixando à imaginação do observador especular se são retratos de pessoas tendo orgasmos reais ou se são apenas encenações. Apenas diz que o ponto de partida são fotografias que ele mesmo faz e depois as transfere com óleo para o lençol com a ajuda de um projetor.



Figura 1: Diego Beyró, *Orgasms* (2017)

Na obra de Beyró o lençol é tido não apenas como mero suporte para a pintura. Ele agrega outros sentidos quando pensamos sobre a utilização cotidiana desse objeto. O lençol é uma peça que, além de testemunhar diversos momentos de prazer, também se envolve materialmente com o ato sexual, sendo amassado pelos movimentos e marcado pelos fluidos corporais. Ao expor os lençóis em varais, há um movimento de passagem, uma transição do objeto íntimo,

⁶ BATAILLE, Op. Cit., p. 95.

⁷ Ibid., p. 96.

localizado no interior do quarto, encerrado em quatro paredes, para a exibição do lado de fora, em uma exposição despudorada da intimidade. Como se quisessem denunciar: “vejam o que eu presencio!” A dimensão dos retratos também é algo que chama a atenção na série do artista argentino. O rosto, ocupando quase a totalidade do lençol, estabelece uma relação de desproporcionalidade entre o observador e a obra.

Seguindo na mesma linha temática, a artista alemã Alina Oswald organizou em 2017 a série fotográfica *Moments*. Neste trabalho há a presença de rostos de homens e mulheres, assim como no trabalho do artista argentino. Na série, as expressões captadas evocam uma sensualidade perceptível, a fotógrafa alterna entre fotos coloridas e em preto e branco, em espaços abertos e fechados. As expressões faciais estão em primeiro plano, no entanto, parte do corpo também é mostrada, como ombros e colo. A tensão observada nestas partes do corpo parece intensificar ainda mais as expressões do rosto.



Figura 2: Alina Oswald, Moments (2017)

O Gozo feminino

Em uma sociedade onde homens e mulheres ainda não são verdadeiramente iguais em muitos aspectos, especialmente quando se fala em uma manifestação plena da sexualidade, é interessante analisar o prazer das mulheres em primeiro plano. Especialmente se considerarmos que há uma espécie de “império do falo” nas representações artísticas na medida em que há um apagamento do clitóris na História da Arte. Como observa Lacan, “nada distingue a mulher como ser sexuado senão justamente o sexo. [...] Tudo gira ao redor do gozo fálico”⁸ Assim, este estudo avança em direção ao orgasmo feminino, dos tabus relacionados ao gozo e as dificuldades, ou talvez impossibilidade, de representação visual deste momento. Para tal assunto, apresento aqui algumas produções contemporâneas, no entanto com o foco exclusivo na representação do orgasmo feminino, como *The Little Death* (2015), de Lauren Crow, *Female Pleasure* (2016), de Albert Pocej, *The O Project* (2017), de Marcos Alberti e a série de vídeos *Hysterical Literature* (2012), de Clayton Cubitt.



Figura 3: Lauren Crow, *The Little Death* (2015)

Na série fotográfica de Lauren Crow há uma distinção bem clara comparada aos demais trabalhos aqui mencionados. O foco é exclusivo no rosto, as fotos dão a

⁸ LACAN, Jacques. O Seminário: livro 20: mais, ainda. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.15.

impressão de serem antigas pela tonalidade sépia e parecem não ter utilizado iluminação artificial durante a execução. O título escolhido pela artista, *The Little Death*, faz alusão à expressão conhecida no francês, *La petite Mort*, que, em um uso moderno, refere-se à sensação de orgasmo comparado à morte ou uma forma de se referir ao gasto espiritual despendido após um orgasmo.

A partir da observação das imagens, uma leitura possível seria imaginar que as mulheres retratadas estão mortas, bem como o título pode também sugerir. Ainda assim, as faces retratadas possuem uma forte sensualidade, o que torna possível relacioná-las com o fetiche da mulher cadáver, o desejo mórbido de apreciação de uma mulher morta, originado há mais de um século, e consagrada com a famosa frase de Edgar Allan Poe: “a morte de uma bela mulher é, inquestionavelmente, o tema mais poético do mundo.”⁹



Figura 4: Albert Pocej, Female Pleasure (2016)

Segundo a artista, os orgasmos foram registrados durante a masturbação. As expressões captadas por Crow excedem a ideia de retratos, eles proporcionam uma percepção diferente sobre a imagem de uma mulher tendo um orgasmo, ideia, como já dito anteriormente, muitas vezes contaminada por estereótipos produzidos pela indústria pornográfica e da influência de uma cultura patriarcal onde as mulheres são sobrecarregadas de informações sobre como ser, parecer e agir para agradar os outros. A série de Lauren Crow traz mulheres reais, do cotidiano, o que faz com que as imagens carreguem uma forte sinceridade. Elas

⁹ POE, Edgar Allan. *The philosophy of composition*. *Graham's Magazine*, v. XXVIII, n. 4, april 1846, p.163-167, tradução nossa. No original: When it most closely allies itself to *Beauty*: the death, then, of a beautiful woman is, unquestionably, the most poetical topic in the world.

não parecem constrangidas ou incomodadas com a câmera, na verdade nem parecem notar a presença do aparelho fotográfico ou de outra pessoa.



Figura 5: Marcos Alberti, *The O Project* (2017)

No projeto fotográfico de Albert Pocej, *Female Pleasure* (2016), o fotógrafo busca capturar também o momento em que uma mulher tem seu ápice de prazer físico. Para que algumas mulheres se sentissem mais confortáveis com a exposição da intimidade para a lente da câmera, o fotógrafo utilizou-se da técnica de time-lapse e, eventualmente, acionava a câmera remotamente. São perceptíveis a delicadeza e o conteúdo poético da série, no entanto, as imagens não parecem possuir um grau de sinceridade semelhante às imagens observadas no trabalho de Lauren Crow. Talvez porque nas fotos de Albert Pocej o foco não seja exatamente o rosto. Na série, os locais ou a paisagem que aparece ao fundo possuem um destaque na composição geral da imagem, tirando em parte o protagonismo da expressão facial das mulheres.

Essa sinceridade a que me refiro pode ser encontrada novamente no trabalho de Marcos Alberti, *The O Project* (2017). Nele, o fotógrafo captura imagens do rosto

de mulheres antes, durante e após terem um orgasmo e as organiza de forma cronológica. Assim, mostra a progressão da expressão de cada mulher e como as feições mudam completamente após chegar ao ápice de prazer. Na primeira foto, a mulher parece ter total controle sobre a sua expressão facial, já na última, após a experiência da *petite mort*, o descontrole expressivo é evidente. Interessante observar que há uma relativa diversidade de etnias e nacionalidades das mulheres fotografadas, o que também colabora para derrubar certos estereótipos sexuais relacionados à cultura.



Figura 6: Clayton Cubitt, *Hysterical Literature* (2012)

Apesar de contrariar um pouco o que até agora vem sendo apresentado, não poderia deixar de mencionar a série de vídeos *Hysterical Literature* (2012), de Clayton Cubitt. Neste trabalho, 12 mulheres são convidadas a ler em voz alta, diante de uma câmera, um livro de sua escolha ao mesmo tempo em que é estimulada sexualmente (mas fora do enquadramento). Nos vídeos, todos em preto e branco, as mulheres se posicionam sentadas atrás de uma mesa e, logo no início da leitura, podemos observar que algo não está normal. O tom de voz começa a variar de forma incontrolável ao passo em que sorrisos e suspiros ofegantes são disparados. Uma luta poética entre a mente e o corpo. Algumas demoram um pouco mais, outras um pouco menos, mas todas elas chegam ao orgasmo enquanto leem o livro escolhido. É impossível negar que não seja excitante ver essas mulheres perdendo o controle sobre seu corpo e suas expressões. Como Bataille mesmo afirma “ninguém poderia negar que um elemento essencial da excitação é o sentimento da perda do controle de si, da desordem”¹⁰. Os vídeos são tão envolventes e excitantes que, o primeiro deles,

¹⁰ BATAILLE, Op. Cit., p. 155.

estrelado por uma aclamada atriz pornô, rapidamente superou, em milhões, o número de visualizações comparados aos vídeos pornográficos gratuitos estrelados por ela.

Especialmente nas últimas obras apresentadas, de retratos de mulheres, os artistas tocam em um assunto até hoje visto como tabu, que é a masturbação feminina. Os trabalhos encorajam as mulheres a se perderem nesse ato e a se renderem completamente aos sentimentos de prazer que tantas vezes negam.

Nas imagens apresentadas não há um forte apelo teatral, como por exemplo em *O êxtase de Santa Teresa* (1647-1652), obra tão aclamada de Bernini. Também não exploram *corpos nus*. Mas, curiosamente, despertam um desejo no observador ao expor o sujeito fotografado em um momento tão íntimo, expõem, portanto, a nudez do sujeito, e não simplesmente a nudez de um corpo. A sensualidade se dá, então, por esse envolvimento com o rosto, evidenciando o poder que a face possui na construção de imagens eróticas.

Finalizo essas reflexões trazendo uma breve citação de Foucault, onde diz:

Deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é para mostrá-lo que servem estas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se¹¹.

É preciso superar todo o moralismo e hipocrisia que envolvem o corpo e o sexo, especialmente o da mulher. Toda mulher merece ter o controle sobre sua sexualidade, deve ser livre, se empoderar e viver plenamente o sexo. As imagens aqui mencionadas, especialmente as focadas no gozo feminino, caminham nessa direção. Ao passo em que se apresentam como arte, também cumprem papel importante no enfrentamento pela igualdade de gênero.

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

LACAN, Jacques. *O Seminário: livro 20: mais, ainda*. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

¹¹ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, pg. 26.

_____ *O Seminário, Livro 19, ... ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.
POE, Edgar Allan. *The philosophy of composition*. Graham's Magazine, v. XXVIII, n. 4, abril 1846, p.163-167.

Referências eletrônicas

Projeto Beautiful Agony: <http://beautifulagony.com/public/main.php?page=about>
Acesso em: 18/03/2018.

Diego Beyró: <http://www.diegobeyro.com/> Acesso em: 19/03/2018.

Marcos Alberti: <https://www.masmorrastudio.com/oproject> Acesso em:
19/03/2018.

Lauren Crow: <https://www.laurencrowphoto.com/thelittledeath/> Acesso em:
19/03/2018.

Alina Oswald: <https://alinacaraoswald.jimdo.com/moments/> Acesso em:
19/03/2018.

Albert Pocej: <https://www.instagram.com/albertpocej/> Acesso em: 19/03/2018.

Projeto Hysterical Literature: <http://hystericalliterature.com/> Acesso em:
22/03/2018.